

08-06-2020

**“ESPERANÇA DE VIDA AO NASCER”
OU
“CERTEZA DE MORTE ANTES DA HORA”?**

René Mendes

[Médico e Professor. Presidente da ABRASTT (Associação Brasileira de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora). Pesquisador Colaborador do Instituto de Estudos Avançados da USP]

Diversos acontecimentos recentes, aqui, nesta ‘pátria armada, Brasil’ ou nos EUA, nos obrigam a refletir, com muita dor, de que a sabedoria popular que acreditava que “ninguém morre antes da hora”, perdeu, há muito tempo, a sua validade. Sim, muita gente morre antes da hora, especialmente gente pobre, gente negra, adolescentes e jovens, e, mais recentemente, a pandemia da COVID-19 veio a desvelar ainda mais a realidade da *produção social da doença*, ou a *determinação social da saúde/doença*, aqui no Brasil, como em outras partes do mundo, onde reina profunda, grave e crescente desigualdade social.

Aqui no Brasil, mais uma vítima com este perfil: pobre, afrodescendente, adolescente de 14 anos, morador em comunidade socialmente deprimida e oprimida.

Chama-se, aliás, chamava-se João Pedro, nome de apóstolos e de papas! Sua “esperança ao nascer” foi brutalmente interrompida por uma ação das polícias federal e civil, no complexo do Salgueiro, em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, em 18 de maio.

Lá nos EUA, outra vítima da discriminação racial, isto é, do racismo que impera naquela sociedade como na nossa: George Floyd, morto por estrangulamento e asfixia, por policial branco, em clara demonstração de truculência, mesmo sob os gemidos agonizantes – “não consigo respirar” – que duraram de 8 a 10 minutos, no dia 25 de maio.

Se não bastassem estes graves fatos, no dia em que foram anunciadas mais 1.262 mortes por COVID-19, elevando a soma para a vergonhosa cifra de 31.199 vítimas fatais (em menos de dois meses) e mais de 555 mil casos (2 de junho), aparece de forma despuddorada o genocida Presidente do Brasil para dizer que morrer é normal: “é o destino de todo mundo”.

Exatamente a naturalização da morte do ‘outro’.

Provocado pela mensagem deliberadamente enganosa deste ser desprezível que, tal como o policial branco de Minneapolis, Derek Chauvin, também sufoca o povo brasileiro, que geme por falta de ar – seja pela COVID-19, seja pelas políticas econômicas asfixiantes para os pobres de todos os gêneros, etnias e idades – lembrei-me, uma vez mais, do importante conceito de “Anos Potenciais de Vida Perdidos” (APVP)

Trata-se de um indicador criado para medir o impacto relativo da mortalidade sobre a sociedade. O indicador APVP salienta e quantifica o significado de **mortes precoces ou prematuras**, isto é, a diferença entre a idade em que as pessoas morreram e a duração média esperada de vida de uma população. Como já dito, é uma forma de contrariar e crença popular de que “ninguém morre antes da hora”...

Sim, muita gente morre antes da hora, logo após o nascimento, ao longo da infância, na adolescência, na idade do adulto jovem, na maturidade do adulto, e mesmo já na “3ª idade”, porém antes da idade de sua ‘expectativa de vida’ (ao nascer), ou, talvez, de sua ‘expectativa de morte’...

Esse indicador pode ser estimado globalmente, mas é mais utilizado para analisar o peso relativo de alguma causa de morte mais específica, como por exemplo, as mortes por acidentes de trânsito, as mortes devidas à violência e outras mortes evitáveis.

O conceito de anos potenciais de vida perdidos parece ter sua origem na obra *Political Arithmetic* (c.1670), do economista e filósofo inglês Sir William Petty (1620-1687), e foi aperfeiçoado por Louis Israel Dublin e Alfred Lotka, em sua obra *Money Value of a Man*, publicada em 1930.

O cálculo é realizado pela somatória dos produtos do número de óbitos por causa específica, ocorridos em cada grupo etário, pela diferença entre a idade limite esperada para aquela população e o ponto médio de cada grupo etário.

O indicador APVP pode ser expresso por 1.000 habitantes, como uma taxa por grupo populacional.

Retornando à grave pandemia que assola impiedosamente o Brasil, análises epidemiológicas coincidem em mostrar que a distribuição das mortes não tem sido aleatória, nem a faixa etária tem sido a variável determinante mais importante.

Ao contrário do perfil ocorrido nos países europeus mais atingidos, no Brasil, assim como em outros grandes países socialmente muito desiguais, morrem mais pobres e miseráveis; mais negros que brancos e pardos; mais desempregados e trabalhadores em atividades informais ou ‘pejotizadas’ e sem proteção social, entre outros.


Mais do que sua idade, pesa muito sua condição social de vulnerabilidades múltiplas (inclusive favorecendo as ‘comorbidades’ não diagnosticadas e nem tratadas).

São as mesmas pessoas que não podem “ficar em casa”, seja por nem casa terem; seja pela aglomeração doméstica e condições habitacionais desumanas; seja porque, muitas vezes, são os mesmos que têm de utilizar transportes públicos, ao longo de muitas horas diárias; e, por último, seja porque exercem atividades atualmente classificadas como “essenciais”... Essenciais para nós, e essenciais para a sociedade, talvez não para eles e elas...

Ganhar o pão honestamente tem sido sinônimo de perder a vida, em muitos casos.

Paradoxalmente, como se não bastassem os riscos de adoecer e morrer pela pandemia, estas mesmas pessoas e muitos outros milhões estão sendo também cruelmente atingidos pelas consequências econômicas e financeiras, onde se aliam a real crise que alcança o sistema produtivo brasileiro, com a omissão ou insuficiência da responsabilidade constitucional do Estado em suprir as necessidades dos mais vulneráveis e miseráveis, diferentemente de outros países que mobilizaram grandes recursos públicos e também privados, para amenizar a desgraça e alavancar a Economia.

continua

<p>Em nosso caso, o pano de fundo foi agravado pelas políticas neoliberais de “Estado mínimo”, de ataques aos serviços públicos e aos direitos sociais, e pelo sucateamento deliberado do que havia de mais elevado potencial – o Sistema Único de Saúde/SUS – o que explica, em substancial parte, o curso especialmente acelerado e calamitoso da pandemia da COVID-19 no Brasil e, por conseguinte, as consequências sociais e econômicas associadas, tão ou mais cruéis.</p> <p>Encerro com uma reflexão dolorida e dolorosa: ultimamente tem morrido tanta gente que não precisava morrer.... </p>	<p>Gente como nós, que, ao vir a este mundo, tinha muita “esperança de vida ao nascer”.</p> <p>Porém, sua esperança ao nascer foi se desvanecendo e se transformando em quase certeza.</p> <p>Certeza de morrer antes da hora!</p> <p>Evento que os epidemiologistas denominam “mortes precoces”, “mortes prematuras” e “mortes evitáveis”; o ser nefasto de Brasília denomina como “normal”, porém nós rotulamos como uma forma de “genocídio deliberado”.</p> <p style="text-align: center;">■ ■ ■</p>
<p><i>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.</i></p>	